

DEZ PROPOSTAS PARA UMA NOVA ABORDAGEM *

No intuito de incidir pedagogicamente no processo de mudança cultural e, considerando que as palavras e expressões significam valores sociais e visões de mundo, sugerimos:

- 1) USE O TERMO *PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA*. Considere cuidadosamente as palavras utilizadas para descrever e caracterizar essas pessoas. Detecte e evite expressões que possam rebaixar essas pessoas, por exemplo: "deficiente" ou "os deficientes".
- 2) MOSTRE O LADO POSITIVO DAS "PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA". Baseie a informação na capacidade em vez de focar apenas as limitações.
- 3) DÊ ATENÇÃO ÀS SOLUÇÕES. Repasse ao público informações sobre prevenção e tratamento dos casos que podem se converter em limitações permanentes, assim como informações sobre a disponibilidade de serviços para as "pessoas portadoras de deficiência" e suas famílias.
- 4) PERMITA QUE AS "PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA" FALEM POR SI MESMAS. É comum acontecer que outros falem por elas colocando-as na situação de objeto da ação e não de sujeitos.
- 5) EVITE IMAGEM DE GUETO. Apresente as "pessoas portadoras de deficiência" como parte da população geral que aparece nas mensagens dos meios de comunicação, além de apresentá-las em produções e textos específicos sobre "pessoas portadoras de deficiência".
- 6) CUIDADO COM OS MITOS. Deve-se evitar apresentar as "pessoas portadoras de deficiência" como incapazes, dependentes ou em estado lastimoso.

- 7) NÃO CARREGUE NAS TINTAS. Mostre o êxito e as dificuldades das "pessoas portadoras de deficiência" sem insistir nas limitações ou sem exagerar a carga emocional dos fatos, não enfatizar demais a transposição de barreiras econômicas e sociais por "pessoas portadoras de deficiência". Isto reforça o senso comum do preconceito.
- 8) VEJA TODOS OS LADOS DA QUESTÃO. Apresente as "pessoas portadoras de deficiência" da mesma forma multidimensional com que as demais pessoas são mostradas.
- 9) PREFIRA INFORMAÇÃO INTEGRADORA. Mostre as "pessoas portadoras de deficiência" em situações normais de trabalho, na escola, no lazer, praticando esportes, nas compras, namorando e em uma variedade de outras situações sociais e físicas comuns a toda a comunidade.
- 10) VEICULE INFORMAÇÃO ACESSÍVEL. Permita o acesso das pessoas portadoras de deficiência à informação.



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular

Apoio:

- **FADERS** (Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Política Pública para portadores de Deficiência e Altas Habilidades)
- **FUNDERGS** (Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul)

Para contatar a Faders:

- Assessoria Comunitária (51) 3224-4144 ou 3228-2112 ramal 210
- Rua Duque de Caxias, 418 - Porto Alegre / RS CEP 90.010-280 - Fone/Fax (51) 3228-2112
- Na Internet: www.faders.rs.gov.br
E-mail: faders@via-rs.net

DIVERSIDADE E DIFERENÇA NO NOVO MILÊNIO*

MOVIMENTO GAÚCHO



Forum Social e Mundial 2000

Forum Permanente
da Política Pública
para PPD e PPAH

DIVERSIDADE E DIFERENÇA NO NOVO MILÊNIO*

"O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza"

Boaventura de Souza Santos

Na natureza, todas as criaturas vivas possuem a mesma estrutura de código genético - o DNA. Num certo ponto do processo, os códigos começam a se diferenciar, trazendo identidade peculiar a cada espécie, a cada ser. Uma das belezas da vida está no fato de que o mesmo DNA, responsável por tantas semelhanças entre os seres vivos é também aquele que os torna tão diferentes e individuais.

Enquanto gerava sua família a Mãe Natureza assegurou-se de que a vida iria conter, ao mesmo tempo, simplicidade e complexidade. Cada peça do quebra-cabeças, mesmo a sua menor parte, tem um papel, de maneira (a única maneira) que este pode ser montado e mantido em equilíbrio. Sob a perspectiva do Ser Humano são necessários humildade e orgulho, para compreender e aceitar que somos realmente pequeninos em todo o contexto do universo; porém, cada um de nós tem um papel que deve ser desempenhado para alcançar o equilíbrio. Devemos aprender sobre como viver em diversidade, como aceitar as diferenças individuais e como fazer com que elas nos beneficiem a todos.

Parece que nós, pessoas ligadas a área da "deficiência e altas habilidades", temos essa visão. Podemos sentir e compreender tais conceitos. Esta visão nos torna responsáveis e nos transforma em importantes porta-vozes para as transformações que a sociedade está começando a introduzir. Estaremos prontos para isto?

Em nosso dia-a-dia, quando tomamos decisões, a maior parte do tempo precisamos fazer escolhas sobre o mundo, a vida e sobre nós mesmos. Será que nesse nosso processo de vida cotidiana, consideramos ou nos importamos de fato com aqueles que nos rodeiam?

A População



O Dr. Philip M. Harter, MD, FACEP da Escola de Medicina da Universidade Stanford, recentemente declarou que "Se nós pudéssemos reduzir a população da terra para uma aldeia de exatamente 100 pessoas, com todas as relações humanas existentes permanecendo as mesmas, chegaríamos mais ou menos ao seguinte quadro:

Haveria:
57 asiáticos, 21 europeus, 14 do Hemisfério Ocidental, do norte e do sul, 08 africanos;
52 seriam mulheres, 48 homens;
70 seriam não brancos; 30 seriam brancos;
70 seriam não cristãos; 30 seriam cristãos;
89 seriam heterossexuais; 11 seriam homossexuais;
06 possuiriam 59% de toda a riqueza do mundo e todos os 06 seriam dos Estados Unidos;
80 habitariam moradias de baixo padrão;
70 não saberiam ler;
50 sofreriam de subnutrição;
01 estaria próximo da morte e 01 estaria próximo de nascer;
01 teria educação universitária e 01 possuiria um computador;
E conclui: "Quando consideramos nosso mundo sob uma perspectiva de tal forma comprimida, a necessidade de aceitação, compreensão e educação se torna extremamente óbvia".

O fato de que o aspecto da deficiência não esteja refletida nestas estatísticas não nos surpreende. Embora sejamos uma proporção relevante de cada uma destas categorias, ainda assim não somos considerados como parte da auto-imagem social. A sociedade não nos conta como integrantes, como pares, mesmo quando tenta retratar toda a sua diversidade.

Pensar toda diversidade humana, humanizar e universalizar serviços são os grandes desafios que nos impõe este início de um novo milênio. Os sintomas que detectamos não parecem, infelizmente, ser exclusividade de países pobres, marginalizar as diferenças tem sido a "sabedoria" dos homens que num esforço em vão tentam padronizar o que Deus, infinitamente sá-

bio, criou totalmente diverso.

Parafrazeando Matilde Zavala de Gonzalez, a igualdade não supõe o respeito às diferenças pessoais. Porque igualdade não significa o nivelamento de personalidades individuais. Pelo contrário, não se ganha uma efetiva e substancial igualdade se que se tenha em conta as distintas condições das pessoas. Por outro lado, assim como a liberdade absoluta na convivência social conduz ao anarquismo, a igualdade artificial das concretas desigualdades ou 'igualdade absoluta' leva a despersonalização e a massificação.

O igualitarismo absoluto é injusto porque trata aos seres humanos como unidades equivalentes, sem atender ou atender as desigualdades fatídicas que os diferencia. Por isto, se tem dito "O princípio do tratamento igual não contém nada de rigidamente igualitário, pois só se refere aos casos de homogeneidade e não de uniformidade ou aos de tipicidade e não de identidade".

A injustiça da discriminação ocorre quando se coloca uma pessoa em situação de inferioridade que seja lesiva a sua dignidade. A igualdade fica prejudicada quando se processam discriminações injustas a uma pessoa ou a determinado grupo ou segmento.

Contudo, a humanidade há de entender que "distinto" (diferente) não significa necessariamente "inferior".

Nós da FADERS e do Fórum Permanente da Política Pública Estadual para Pessoas Portadoras de Deficiência e Pessoas Portadoras de Altas Habilidades estamos resistindo a diferença e ao descaso e, mais importante ainda, estamos construindo pedra por pedra os alicerces de um novo paradigma de políticas públicas e de concepção da sociedade, que superem as visões tradicionais e assistencialistas em um novo superior paradigma orientado pelos valores universais da Cidadania e dos Direitos Humanos.

Temos absoluta certeza que um novo mundo sem guerras e sem qualquer tipo de violência é possível, e para isso é imprescindível que, entre outras coisas, a humanidade esteja preparada para compreender que o "sujeito desviante", físico, sensorial, mental ou comportamentalmente, representaria para o ser humano "normal" a lembrança e a representação concreta de sua incompletude, de sua imperfeição e da certeza de que não é, nem nunca será, aquilo que sonha: um ser perfeito. Portanto que é perfeito parece, de certa forma, irreal. Na verdade toda a imagem (e vivemos presos ao imaginário) tem seu preço inconsciente, já que para ser "perfeito" muito é preciso reprimir, e, para ser "diferente" arca-se com uma culpa muito grande.

Portanto a "deficiência" ou desvio é uma situação e não um estado definitivo, determinado apenas pelas incapacidades do indivíduo, é uma situação criada pela interação entre a limitação física, sensorial, mental ou comportamental e o obstáculo social que impede ou dificulta a participação nas atividades da vida cotidiana.

Façamos pois deste mundo um lugar melhor para todos, entendendo que acima de qualquer diferença somos todos portadores da centelha divina que a tudo criou e perante a qual somos inexoravelmente irmãos e irmãs.